

MARCEL, Gabriel. *Nietzsche e il nichilismo*, a cura di Paolo Scolari. Milano/Udine; Mimesis, 2018, 99p (Volti, n. 109).

Gabriel Marcel, Nietzsche e o niilismo

Gabriel Marcel, Nietzsche and niilismo

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

Professor de filosofia da UNIOESTE

Resumo: A resenha busca reconstituir três textos inéditos de Gabriel Marcel contidos em *Nietzsche e il nichilismo*, publicado pela Mimesis de Milano/Udine, em 2018, sob a curadoria e tradução de Paolo Scolari. Para tanto, trata-se de cortejar, via uma refinada releitura fenomenológico-existencial, a maneira com a qual Marcel explora a problemática nietzschiana do niilismo nos tempos modernos.

Palavras-chave: Gabriel Marcel; Nietzsche; Niilismo.

Abstract: The review seeks to reconstitute three unpublished texts of Gabriel Marcel contained in *Nietzsche e il nichilismo*, published by Mimesis de Milano/Udine, in 2018, under the curatorship and translation of Paolo Scolari. For this, we seek to woo, via a refined phenomenological-existential rereading, the way in which Marcel explores the Nietzschean problematic of nihilism in modern times.

Keywords: Gabriel Marcel; Nietzsche; Nihilism.

Os leitores afetos não só da obra de Nietzsche, mas da rica tradição fenomenológico-existencial da qual Gabriel Marcel figura como uma de suas expressões mais emblemáticas, têm muito o que celebrar. Sob a curadoria e cuidadosa versão de Paolo Scolari para o italiano, a Mimesis de Milão/Udine lança, em 2018, *Nietzsche e il nichilismo*. O fio condutor que perpassa esse meticuloso trabalho parte da tese advogada pelo curador de que o pensamento nietzschiano corre como um “rio cársico” na filosofia de Gabriel Marcel. Essa passagem subterrânea, por vezes “oculta ou silenciosa”, também reemerge na “superfície com esporádicos e lapidários soluços” (Scolari, in Marcel, *Nietzsche e il nichilismo*, p. 11). Em síntese, Nietzsche nada mais é do que um “companheiro de viagem” (Scolari in Marcel, *Op. cit.*, p. 11). Nesse itinerário, entre distâncias polêmicas e abordagens entusiastas, o relacionamento de Marcel para com o pensador alemão vai mais longe, isto é, se orienta para além de um simples labor hermenêutico. Ele é também heurístico à medida que Marcel descobre a grandeza de Nietzsche ao reconhecê-lo como um dos mais “einentes representantes do pensamento existencial” (Marcel, *Op. cit.* p. 57). Há um “originário sentido hermenêutico, trágico-existencial que os epígonos de Nietzsche teriam irreversivelmente ofuscado”, assinala Scolari (Marcel, *Op. cit.*, p. 15). Ora, é essa premissa exegética singular que Marcel revive em sua releitura da obra nietzschiana.

A fim de compreender a aliança espiritual que aí se sela nesse inusitado colóquio nada melhor do que adentrarmos logo no instigante livro preparado por Scolari. Para começar, o projeto reúne três textos essenciais de Marcel em torno do pensamento nietzschiano. O primeiro é a conferência *Nietzsche, o homem diante da morte de Deus* (*Nietzsche: l'uomodi fronte alla morte di Dio*), em que Marcel põe, à luz, a extraordinária atualidade do filósofo alemão já que é impossível situá-lo como que “pertencente ao passado” (Marcel, *Op. cit.*, p. 45). Pelo contrário, Nietzsche é “o mais contemporâneo entre os contemporâneos” (Marcel, *Op. cit.*, p. 45), uma vez que trata-se de um pensamento em movimento, ou seja, de uma filosofia que não termina na rigidez do conceito, mas que se apresenta no fluir da existência, carregando consigo todas as ramificações

trágicas e contraditórias. É tendo em vista esse espectro que o tema da morte de Deus entra em cena como uma questão estrategicamente catalisada por Marcel no momento em que ela anuncia certo caráter trágico-existencial que escapara à crítica. De início, nota Marcel, Nietzsche tem razão se o Deus do qual se anuncia a morte é o Deus da tradição aristotélico-tomista, ou seja, o Deus Causa, o Deus do primeiro motor. Marcel vai mais longe: trata-se, ainda, de recuperar Nietzsche sob um duplo ângulo de crítica. Por um lado, Marcel despe os aforismas nietzschianos relativos à morte de Deus da pesada veste metafísica que intérpretes, como Heidegger, lhe trajaram. Por outro, Marcel remove dessa sentença a auréola de banalizações que as descontextualizam transformando-a em slogans publicitários como ocorre, por exemplo, com Sartre. No primeiro caso, embora reconheça na leitura heideggeriana um trabalho hermenêutico original, Marcel dela se afasta por considerá-la demasiadamente abstrata. Trata-se de uma leitura privada daquele gesto de “mordedura do real”, quer dizer, daquele espírito de “apetite ontológico” que deixa de apreender o peso trágico-existencial do anúncio nietzschiano. Nesse sentido, “provavelmente estamos na estrada errada quando queremos a todo o custo, como Heidegger, fazer de Nietzsche um metafísico”, adverte Marcel (Op. cit., p. 52). No segundo caso, resta, ainda, se posicionar contra Sartre cuja leitura se revela, por demais, enviesada, perdendo, como antes, a carga existencial, a consciência mesmo trágica, do evento da morte de Deus. O nó do problema é que Sartre faz desse acontecimento uma espécie de espetacularização e banalização. Um episódio, transcrito em 1946, no aeroporto de Genebra, ilustra bem tal limite. Ao desembarcar, sob os holofotes, Sartre se dirige aos jornalistas, aclamando, em tom sarcástico: “Senhores, Deus está morto”. Ora, Marcel vê, nesse gesto, certo “nietzschismo”, ou seja, uma “simplificação excessiva e perigosa” (Marcel, Op. cit., p. 57) das palavras de Nietzsche. Seria preciso, no entanto, reler essa célebre profissão com outros olhos. A bem da verdade, a expressão “Deus está morto” brota de um sentimento profundo pelo qual um homem angustiado grita explosivamente. O que é necessário ver é que atrás desse anseio emerge a existência de um ser que vive na própria solidão o drama do desaparecimen-

to (morte) de Deus. Trata-se, enfim, de um homem que toma consciência de ter assassinado Deus com as suas próprias mãos, de ter atravessado a experiência do estremeamento como alguém que, de que agora em diante, deverá viver de maneira completamente diversa.

O segundo texto é a conferência, *O nosso ponto interrogativo (Il nostro punto interrogativo)* apresentada por ocasião do VII Colóquio Filosófico Internacional de Royaumont de 4 a 8 de julho de 1964. Marcel retoma, nessa comunicação, um caro tema contido no livro V de *A Gaia Ciência* – “Nós, os sem medo” – cujo capítulo constante no §346 intitula-se justo “Nosso ponto de interrogação”. A questão chave remete à inteira atitude do homem contra o mundo, isto é, o humano como princípio negador do mundo, como medida de valor das coisas e, portanto, como juiz do mundo. Nessa perspectiva, uma vez que homem e mundo são postos, lado a lado, pela sublime separação da palavrinha “e”, o que se assiste é um desprezo pela própria existência. Diante dessa rígida oposição em curso na cultura do ocidente, Nietzsche, então, se interroga radicalmente acerca de um árduo dilema posto às gerações seguintes: se devemos “ou abolir vossas venerações, ou – vós mesmos!”. “O último”, problematiza ele, “seria o niilismo; mas o primeiro não seria também ... o niilismo? – Este é nosso ponto de interrogação”. O tom da questão final é mais que retórico: é irônico. Ela indica que, no limite, ambas as alternativas, ao invés de contrárias, se complementam. O que Nietzsche chama a atenção, observa Marcel (Op. cit., p. 75), é a “atribuição ao homem de uma sorte de transcendência em relação ao mundo tal em que ele está”. Isso também põe em questão o engajamento pessoal do filósofo. Marcel se reporta a um certa proibição intelectual que é “a maneira implacável e, aliás, em certo sentido, inteiramente justificável, do qual Nietzsche denuncia uma espécie de alívio com o qual o professor de filosofia de seu tempo, deixando a mata impenetrável dos problemas teóricos, acredita esclarecer as verdades morais” (Op. cit., p. 72). O homem do progresso, atendendo a exigência de objetividade, que é o ideal positivista por excelência, sucumbe a esse princípio moral. Ou melhor, ele faz disso em nome de certa “divinização de si”. Eis porque o

pensamento tecnocrata talvez seja a personificação mais cabal desse antropocentrismo. Há um pessimismo insuperável nessa escalada, um niilismo deflagrável. Como nota ao meditar sobre a passagem do texto nietzschiano, emplaca Marcel (Op. cit., p. 78): “é absurdo separar o homem do mundo estabelecendo entre eles nada mais do que uma similar conjunção externa” (Op. cit., p. 78). O que Nietzsche denuncia é exatamente esse erro dualista em que o “e” se torna, com efeito, um “contra”. Insistir nisso é recair numa tentadora ilusão. Por isso, para ele, “o niilismo é não mais a causa, mas a lógica mesma da decadência” (Marcel, Op. cit., p. 80); decadência essa que viria ainda revestir-se de uma “biologia dos valores”, valores que, irremediavelmente, se sobrepõem à existência, à vida.

O terceiro texto é *Thomas Mann e Nietzsche (Thomas Mann e Nietzsche)*, conferência ministrada em 1955, por ocasião da homenagem prestada aos 80º ano de aniversário do escritor alemão. De saída, Marcel acentua a profunda influência exercida tanto por Dostoievski quanto por Nietzsche na obra de Thomas Mann. Esse nutria o sentimento dostoiévskiano de que “o demoníaco pudesse fornecer matéria para uma criação poética ao invés de um simples estudo literário” (Marcel, Op. cit., p. 85). Ora, “Mann reconhece que aqueles que estão familiarizados com o submundo inspiram um respeito muito mais profundo pelos filhos da luz” (Marcel, Op. cit., p. 85). É aí que entra também Nietzsche e o alcance de seu espírito visionário em Mann, aliás, como uma referência infinitamente mais rica e mais adequada para esclarecer a própria atitude filosófica desse último, atitude de respeito e compaixão. Ademais, Mann vê Nietzsche como um grande crítico, um intrépido filósofo da cultura. É que, aos seus olhos, o autor de *Assim falou Zaratustra* nada mais fez, no curso de sua vida, do que traçar infinitas variações em um único pensamento. Como ilustra Marcel (Op. cit., p. 88), “os componentes desse pensamento único e gerador são a vida, a cultura, a consciência ou conhecimento, a arte, a nobreza, a moralidade, o instinto. O que domina esse complexo é o conceito de cultura, que é a própria nobreza da vida à qual a arte e o instinto estão ligados”. Ao mesmo tempo, atesta Marcel, Mann parece ter identificado dois erros princi-

pais que distorcem o pensamento de Nietzsche. O primeiro é a completa ignorância da relação de potência que liga o instinto e a inteligência à terra. O segundo corresponde a uma indevida interpretação acerca das relações entre a vida e a moral. Ora, “ao invés disso, a verdadeira oposição envolve a ética e a estética. É a vontade, não a moral, que fez um pacto com a morte” (Marcel, *Op. cit.*, p. 89). Sob outro ângulo, o que Marcel não perde de vista é que há outro erro no sentido de culpar Nietzsche quando declara que, com o além-do-homem, a injustiça e a mentira atingiriam o ápice. Pois bem, no fundo, estamos aqui na presença de um destino trágico: é preciso reconhecer que “tudo em Nietzsche é contraditório e inextricável” (Marcel, *Op. cit.*, p. 90). É sob esse prisma que ele se torna um pensador que, aparentemente, estaria na origem do fascismo, por exemplo; aparentemente apenas, já que, em certa medida, Nietzsche flerta, via seu conceito de cultura, com cores próximas ao do socialismo. Como recorda Marcel (*Op. cit.*, p. 91), “em 1875, Nietzsche anuncia a formação de uma união europeia dos povos como consequência da vitória da democracia”. Por isso mesmo, “devemos perceber que o fascismo, com tudo o que tem do mais ínfimo, era radicalmente estranho a esse homem, cuja primeira vontade era promover as condições de uma vida e um pensamento nobre” (Marcel, *Op. cit.*, p. 90). O que Mann fornece, inspirando-se, é claro, em Nietzsche, é que “a filosofia não pode ser pura abstração, mas, vida, sofrimento, sacrifício pela humanidade” (Marcel, *Op. cit.*, p. 92).

Por fim, o mérito do projeto editorial encampado por Scolari consiste, sobremaneira, em propiciar ao leitor tanto especializado quanto interessado de revisitar Nietzsche, agora, em outra companhia. É com Gabriel Marcel que a obra do pensador alemão imprime um matiz ainda não visto, seja pelo valor dos textos inéditos, seja pela acessibilidade em segunda língua, vindo a constituir, sem dúvida, um documento do mais alto interesse. O trabalho é mais uma amostra do quanto não só em águas nietzschianas navega “carsicamente” a rica tradição fenomenológico-existencial, mas também em que medida os estudos marcelianos ressurgem lançando luz nos tempos de nihilismo que a humanidade atualmente atravessa.